

**Maria Aline Dias Pereira**

Graduanda no Curso de Letras (AEDAI-FASP)

## RESUMO

O presente trabalho aborda a importância do ensino da literatura na formação dos indivíduos, tendo em vista ser um dos eixos centrais para formação escolar e social. A pesquisa analisa como a literatura faz parte do mundo letrado, do contexto social e da vida do aluno, tendo em vista ser por meio dela que os indivíduos poderão melhor interagir e se desenvolver nos diversos segmentos sociais e escolares. Assim, os alunos através do estudo da literatura e suas respectivas dimensões de arte poderão constituir-se de indivíduos críticos e reflexivos, pois irão despertar e encontrar por meio desse estudo uma compreensão de mundo mais concreta. Nesse sentido, é que se desenvolveu essa pesquisa bibliográfica com a finalidade de mostrar como a literatura pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas e nos vastos campos da educação. A base teórica desse trabalho foi constituída por vários autores, entre eles Fischer, Canclini, Aristóteles, Platão, Buoro, Aggio e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Constitui-se de três seções, incluindo introdução, um capítulo, conclusões e referências bibliográficas.

**Palavras-chave:** literatura; educação; ensino.

## INTRODUÇÃO

Sabendo que a Literatura é um instrumento de comunicação e de interação social, onde ela transmite os conhecimentos e a cultura de um povo em determinada época e situação, nasce então a importância de introduzir o ensino literário na educação básica.

É através desse estudo que o indivíduo se transforma interiormente, no plano mental, podendo ser sensibilizado a aumentar a sua criticidade frente às diversidades do mundo.

Obras literárias possuem papel transformador, pois levam o leitor a estabelecer uma relação com a leitura, convertendo-se num ser que tem uma postura crítica perante a realidade, não se submetendo aos padrões tradicionais. Ao exercer essa capacidade os indivíduos estão desenvolvendo o que se chama de competência comunicativa, textual e linguística no processo de leitura, e então passam a refletir sobre conhecimentos que favoreçam a ampliação qualitativa a cerca das informações de mundo.

A linguagem dos gêneros literários possui essência única, que pode enaltecer e encantar os leitores, instigando a um processo de ensino mais produtivo e harmonioso.

Considerando a importância de conhecer os elementos estruturantes e estéticos no mundo literário, em suas respectivas obras e gêneros, vê-se então a necessidade de viabilizar a formação do educando nos vastos leques presentes nos gêneros literários. Faz-se necessário identificar as mudanças e diferenças presentes em suas obras, além de instigar os alunos a buscarem conhecer obras literárias de forma mais autônoma e ativa, despertando seu senso crítico e reflexivo.

Cabe salientar também que o ensino a cerca desses gêneros afetam um aspecto indispensável na formação do leitor, pois é através deles que muitos educandos entram em contato com esse mundo estético e sistemático onde podem desenvolver o gosto pela leitura, ampliando então o seu letramento literário.

A presente pesquisa relata a cerca da literatura na formação dos indivíduos, levando em conta ser considerada ponto essencial no processo de aprendizagem da língua e linguística. Tendo como fundamento várias bases teóricas dos renomados estudiosos, como o pensador Fisher (1987).

Levando em conta todos os embasamentos teóricos, espera-se que o resultado deste estudo seja instrumento de reflexão e discussão entre os profissionais e atuantes da educação, tendo em vista oportunizar e instigar aos alunos espaços para ampliar seus conhecimentos sobre a arte nos textos literários.

## **CAPÍTULO 1 – CONCEPÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO**

### **PCN'S: ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO**

Como expressão cultural da humanidade, a arte é um elemento importante no processo de formação do ser humano. Na ocasião em que se discute a educação com o objetivo de preparar o homem e a mulher para o exercício da cidadania com fundamentos que os tornem capazes de inserir-se na realidade de maneira crítica e criadora, torna-se indispensável discutir também o espaço da arte em sua formação.

Algumas concepções de arte foram entendidas desde a antiguidade, como por exemplo de quando eram feitas pinturas e gravuras nas cavernas pelos seres humanos como forma de perpassar suas linguagens, mensagens, ofícios e culturas.

Quando (...) se mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, se confronta primeiramente vestígios, que se conservaram até hoje e que, em maior ou menor número chegaram até nós (KOSELLECK, 2006, p. 99).

A arte se faz presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. De fato, ela pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo. De acordo com Buoro (2000, p. 25) “Portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.” Os PCN enunciam que:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e de história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta (BRASIL, 1997b, p. 23).

Sendo assim, podemos observar na literatura, ou melhor, nos textos literários, a possibilidade de formar o indivíduo em um direcionamento contínuo, até sem-fim. Em outras palavras, por meio de textos literários nos engajamos com dinâmicas infinitas que mudam com mutação e contradição histórica, política e social. Aprendemos lendo que não existem formas exaustivas de conhecimento, e a ideia de que os humanos podem possuir todas essas formas de conhecimento é ilusória.

Por sua vez, a leitura literária como ato cultural não se limita à educação formal. Como modo de conhecimento, requer uma relação permanente com o leitor, assim como o mundo da leitura. Com base nas relações histórico-culturais, acreditamos que os caminhos que conduzem os leitores ao conhecimento e à crítica se baseiam na relação do homem com seu meio cultural e estão imbuídos de uma visão de mundo.

Os PCNs (2001, p. 21) colocam que “Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais.” Inicialmente, isso se deu muito mais por uma necessidade de adaptação, de transformação do meio em favor do homem.

A aplicação da literatura como disciplina é muito importante para outras disciplinas, pois através dela os alunos podem utilizar a língua como ferramenta de comunicação e ela faz parte da língua portuguesa e principalmente da arte.

Verifica-se que em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, seja no eventual prosseguimento dos estudos, seja no mundo do trabalho. Assim, podemos avaliar que a nova proposta para o ensino médio requer uma integração das disciplinas, visto que informações superficiais e isoladas que o sujeito recebe na fragmentação das áreas de conhecimento se dissipam com o passar do tempo (PCNs, 2002).

Perante o exposto, é possível analisar que trabalhar a literatura no ensino médio segundo os PCN's tem que ser contextualizado e o docente terá que ter em mente isto como finalidade essencial para que o aluno seja formado com discernimento e assertividade.

Fischer (1987) destaca que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim, coletiva, se originando de uma necessidade coletiva. O ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, a arte somente tem sentido quando sua representação for uma representação social.

[...] a arte ainda não é ensinada e aprendida de uma maneira suficiente pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros. É necessário um espaço para o desenvolvimento pessoal e social por meio de vivência e posse do conhecimento artístico e estético do aluno, e para isso é preciso pensar uma nova metodologia (COLETO, 2010, p.138).

É neste sentido que a arte colabora com o desenvolvimento do indivíduo, com uma estrutura de provocações para adquirir resposta, o que ajuda no desenvolvimento de raciocínio e de ideias. Na visão de Fischer (1987, p. 20), “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.” Para o artista, a arte possui uma função muito maior do que simplesmente ser bela, ser agradável, decorativa, a obra é a representação do que o artista vive, pensa e sente, o artista se molda em sua obra.

Nesta perspectiva, percebe-se que a literatura quando aplicada como disciplina em sala de aula, apresenta uma relevância no que diz respeito às demais, uma vez que, é por ela que o aluno tem acesso a linguagem como instrumento para comunicação e está incluída na língua portuguesa. Apesar disso, o aluno também tem acesso ao uso da linguagem de forma consciente, de um código que já utiliza oralmente e agora se revela também por meio da escrita, da interpretação e produção.

Também podemos analisar até aqui que a literatura nos permite transportar além de nosso momento atual, das nossas relações locais; ela nos permite ter acesso a novos desafios e conseqüentemente a compreendermos melhor o mundo em que habitamos.

## **FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE**

Percebe-se que a função da arte como também seu modo e os meios de representação variam conforme a época, segundo Buoro (2000, p. 23) “Em cada momento específico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade/necessidade de arte”.

Desta maneira podemos dizer serem as invenções filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apoiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico. (BUORO, 2000, p. 82).

Os PCNs (2001, p. 19) destacam que “[...] A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.” A arte no campo educacional é uma proposta capaz de provocar mudanças no modo de o aluno ver o seu meio e nele agir.

Ao se considerar arte enquanto expressão e manifestação artística, confere-se a ela uma dimensão humana. Para Fischer, a arte é sempre condicionada pelo seu tempo e “[...] representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (FISCHER, 1987, p.17).

Desta maneira, a arte representa um campo indispensável e essencial para a união e desenvolvimento do indivíduo com o todo, combinando seu papel mágico com a ciência e a religião.

Assim, há um ponto de partida para começar a discutir as relações e a arte como forma de expressão, criada pelos indivíduos para expressar e enquadrar uma expressão que transforma a ansiedade e a crença em determinado momento histórico. No entanto, não se pode pensar a expressão artística sem considerar o contexto mais amplo e importante em que ela ocorre, cria e refuta, questiona e desperta a ação social.

Desta maneira podemos dizer serem as invenções filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apóiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico. (BUORO, 2000, p. 82).

Desde o período pré-histórico, a arte esteve presente significativamente no cotidiano do homem, conforme Fischer (1987, p.45) “Nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência.”

De acordo com Barbosa (1990, p. 11), “Acredita-se que a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações”. Pode-se entender, portanto, que a arte consegue novos princípios de acordo com cada período, alterando a forma do homem ver e pensar o mundo.

Nesses últimos tempos, onde o mundo está cada vez mais globalizado, o homem está passando por um processo de transformação, mudando hábitos, conceitos, pensamentos, portanto torna-se imprescindível que aproveite a liberdade para se expressar, e o artista, que possui uma liberdade, deve usá-la da melhor forma para desempenhar o seu papel social.

No pensamento de Canclini, os artistas percebem realmente sua função social exatamente na possibilidade dessas mudanças:

Uma verdadeira modificação das relações entre artistas e sociedade só pode começar na medida em que mudarem as condições sociais da prática artística e em que uma nova reflexão teórica reformule o problema. [...] As melhores condições para o desenvolvimento artístico podem surgir precisamente quando os artistas, em vez de se entriçeararem em sua intimidade, se integram organicamente na transformação social. (CANCLINI, 1984, p.38)

O artista tendo plena consciência dos aspectos sociais e da importância referentes à sua obra, deve acompanhar os movimentos que procuram não limitar a arte em espaços retificados, mas que busque compartilhá-la para que realmente obtenha alcance interação e a construção de sentidos. O artista trata-se de um ser social, e pelo fato de sê-lo, já caracteriza um ato político.

Para Ferreira (2001, p. 12), “[...] as artes devem estar presentes no currículo escolar não por suas contribuições nesses campos de desenvolvimento, mas pelos benefícios que apenas as artes, e nenhuma outra área de estudo, podem oferecer à educação”.

A arte pode ser destacada e valorizada como matéria presente na escola e vivenciada em sala de aula, visto que, além de estudar suas manifestações e sua história, é indispensável para o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade do aluno.

Frequentemente o artista se utiliza da arte para fazer uma crítica a um fato; sua obra somente será compreendida se o espectador estiver preparado para esta leitura. Ferreira (2001) destaca que ao conhecerem e praticarem as artes, assim como a ciência, os alunos poderão entender que as primeiras são formas diferentes de dizer e compreender o mundo, e que aquilo que se diz pela arte não pode ser dito pelas ciências.

Para Jesús Martín-Barbero (2003, p.67), “a escola deve interagir com os campos de experiência nos quais se processam hoje as mudanças [...], com os discursos e relatos que os meios de comunicação de massa mobilizam e com as novas formas de participação cidadã que eles abrem [...]”.

## **A literatura nos ideais de Platão e Aristóteles**

### **Primeiras concepções de arte para Platão**

Existe, pois, em Platão, uma arte do belo, mas essa arte é dialética, a arte suprema segundo o Filebo, e não uma das belas artes no sentido moderno (‘saber produzir belas coisas que dão prazer’). A arte platônica do belo procura purificar o prazer e substituí-lo pela apreensão intelectual das essências. A beleza, por outro lado, embora sensível, não é própria das obras de arte e conduz, de fato, à ascese. A arte da imitação, sob esse

ponto de vista, é sobretudo um obstáculo à busca da beleza, dado que convida, primordialmente, a permanecer no mundo sensível que ela reproduz (LACOSTE, 1986, p. 20).

Desta forma, fica perceptível que a compreensão da questão da arte a partir de Platão é dependente da compreensão geral de seu pensamento, e que é preciso investigar este em seus aspectos mais gerais, ressaltando sua visão de mundo em sua afirmação de uma realidade inteligível regida pela harmonia do Cosmos atingível em seu Eidos e em sua realidade racional.

Uma das principais obras de Platão é, sem dúvida, o livro A República, em que, além de um grande número de temas ser abordado, a obra trata, sobretudo, de como, na República, diferentes concepções políticas da época se contrapõem a um ideal de Estado perfeito. Dentro

dessas discussões, nos dez livros que compõem o texto, encontramos algumas referências específicas quanto à classificação das artes, além de algumas referências – embora não diretamente – sobre a arquitetura nos livros.

Platão afirmava a existência de um mundo racional suprassensível, o mundo ideal, em oposição ao mundo mostrado pelos sentidos, que levariam ao erro, ao engano e ao efêmero.

- É nesse ponto que estabeleço a distinção: para um lado os que ainda agora referiste
- amadores de espetáculos, amigos das artes e homens de acção
- e para outro aqueles de quem estamos a tratar, os únicos que com razão podem chamar-se filósofos.
- Que queres dizer? – Os amadores de audições e de espetáculos encantam-se com as belas vozes, cores e formas e todas as obras feitas com tais elementos, embora o seu espírito seja incapaz de discernir e de amar a natureza do belo em si (PLATÃO, s/d. p. 256).

Neste trecho, chama a atenção o fato de Platão, tratar as obras de artes, e seus amadores, voltados para a audição (com belas vozes) e a visão (cores, formas e todas as obras feitas com tais elementos). Isto reforça uma distinção feita por outros filósofos.

Contudo, como explicita Jaeger, em sua obra Paidéia (2002), não se pode jamais esquecer que Platão é “pedagógico”: o objetivo subjacente a seus diálogos (e mesmo à cidade idealizada que constrói) é o da educação da alma, a educação do olhar em direção ao eidos, com a exclusão de tudo aquilo que pudesse atrapalhar este processo. Não é correto apenas sustentar uma posição radical de Platão “contra a arte”, como muitas vezes foi feito, pois isto jamais esteve em questão para ele. O relevante é entender aí que ele vinculou o problema do Belo necessariamente ao problema da verdade,

na medida em que o bom, o belo e o verdadeiro convergem em seu pensamento.

A poesia, em Platão, tem uma conotação bem diferente do que foi entendida posteriormente, em outras épocas. No texto d'A República, a discussão se dá a partir do entendimento filosófico, e o sentido que o termo assume é o que nos dá a chave para a compreensão do próprio texto platônico, como reforça Reale, tratando do termo "poiesis" em relação ao Banquete (KOTHE, 2011).

Para Huisman (2012), a influência de Platão foi tão importante que ele pode ser considerado como a raiz da teoria estética. O autor também defende que a estética nasce a partir de uma observação filosófica e afirma que ela faz parte do conjunto de regras que se impõem à vida do espírito juntamente com a ética e a lógica. Para ele, a estética, a ética e lógica constituem a tríade das ciências normativas.

Na Grécia de Platão, a Arte deveria ser posta a serviço do Estado e tinha o dever de ensinar o homem. Nos dias de hoje, não se pode mais ter esta pretensão, sem que se pense nos regimes totalitários que moldaram o século XX. Ao contrário, a arte hoje trará a marca do contemporâneo e não se preocupará mais em expressar ou não a verdade ou imitar o real, pelo contrário.

### **As primeiras concepções de arte para Aristóteles**

Como Platão, encontramos muitas passagens nos textos de Aristóteles em que também classificamos a arte. O principal desses textos a esse respeito é, sem dúvida, a Poética, um tratado sobre fenômenos literários – se não completo – que os filósofos discutem a arte da poesia de duas maneiras: A poesia funciona como uma imitação e apresenta a estrutura do poema de acordo com os diferentes tipos de poesia.

A Poética é considerada o principal texto de Aristóteles sobre estética. No cerne da obra está a definição de arte através da poesia. Os filósofos, portanto, dividem o pensamento em três categorias: categorias de conhecimento, categorias de ação e categorias de realização (poiesis), que em Aristóteles tinham um significado mais limitado. Dessa forma, ele se refere à arte da poesia segundo categorias básicas: o teatro, dividido em trágico e cômico; a poesia épica, esta se diferencia da comédia por tratar da gravidade das ações imitadas. O filósofo sistematiza, com isso, a teoria de um gênero literário específico e concreto (GAZONI, 2006).

Pretende-se investigar como a arte, em geral, e no pensamento de Aristóteles, pode ser compreendida como uma forma de racionalidade. Neste sentido, entenderemos a racionalidade, do ponto de vista da faculdade humana, isto é, da parte da alma, dotada de "razão", análoga à racionalidade subjacente à realidade e às coisas, entre elas, o objeto de arte, isto é, o *lógos* re-conhecido através da análise de suas relações *formais*.

(1447 a) 1. Falemos da poesia – dela mesma e das suas espécies, da efectividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos, se quisermos que o poema resulte perfeito, e, ainda, de quantos e quais os elementos de cada espécie e, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação – começando, como é natural, pelas coisas primeiras.

A epopeia. A tragédia assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da aulética e da citarística, todas são, em geral, imitações.

Diferem, porém umas das outras, por três aspectos: ou porque imitam por meios diversos. Ou porque imitam objectos diversos; ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira (ARISTÓTELES, 2003, P.03).

De modo geral, a racionalidade, em Aristóteles, é entendida não simplesmente como a faculdade da razão, mas, mais crucialmente, como os modos, usos e operações com que a razão, subjacente às espécies de saber ou proceder, permite compreender e conhecer seus objetos, suas práticas, atividades e produtos.

Para Aggio (2015) Aristóteles atribui uma função moral à arte por meio da purificação (catharsis). No entanto, não se desvincula da relação platônica entre arte e educação. A revalorização empírica legitima a representação artística como tal. Para o filósofo, as artes coincidem por serem todas elas imitação. Dentre essas artes, a epopeia, a tragédia, a comédia, a ditirâmbica (cantos em honra a Baco), a aulética (instrumentos vocais, flauta) e a citarística, todas elas coincidem por serem imitação, diferenciando-se pela maneira de imitar e pelas coisas imitadas.

De tal modo que, se nosso intento incide no que seja a Arte, no pensamento de Aristóteles, importa investigar se há de fato um aspecto racional, envolvido no processo de criação da arte, e na concepção do objeto artístico, bem como de que modo as diversas formas de arte, podem ser compreendidas racionalmente, por meio de um estudo, investigação, por meio de um “caminho” ou *métodos*, de modo que tal aspecto racional, genericamente reconhecido enquanto tal, possa ser identificado de algum modo como elemento fundante daquilo que chamamos de a racionalidade da arte.

Aristóteles considera (cf. *Etic. Nic.* I 1), que a finalidade das artes e das ações correspondem aos produtos e às atividades, respectivamente; além de que, se existe uma finalidade nas ações, como nas práticas, tal finalidade deverá ser o bem humano, pois, “nota-se uma certa diversidade entre as finalidades; algumas são atividades, outras são produtos distintos das atividades de que resultam, e por isso, tal bem ou fim último deve ser conhecido, desejado e perseguido. Portanto, é evidente que, se algumas finalidades o são enquanto atividades, enquanto outras o são como produtos (como é o caso da arte), resta-nos estabelecer a distinção entre atividades e produtos, pois é evidente que a produção artística também é uma “espécie de atividade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo é resultado de um criterioso estudo a cerca do ensino da literatura e seus desempenhos na educação, em que por meio dele buscamos mostrar através de embasamentos teóricos que o ensino da literatura na educação trás resultados indispensáveis para formação de um indivíduo que seja capaz de desenvolver suas habilidades sociais, cognitivas, de aprendizagem e reflexivas.

Supõe-se que só é possível promover o desenvolvimento dessas habilidades no aluno a partir de um trabalho comprometido com o processo de ensino e aprendizagem, em que os eixos de desenvolvimento do aluno estejam amarrados nas interpretações literárias.

Diante do estudo, compreende-se que o ensino da literatura e suas dimensões de arte devem ser enfatizadas como atividades diárias e constantes no ambiente escolar refletindo sobre as diversas práticas e realizações ligadas ao contexto social, não apenas como imposição ao cumprimento de uma determinada orientação, mas que favoreça a vontade da realização, entusiasmo e reflexão crítica social perante a realidade.

Desse modo, a literatura e suas respectivas dimensões precisam ser vivenciadas também como forma de descontração dentro e fora da escola, favorecendo posteriormente boas práticas e assimilações dentro da sociedade, a fim de cumprir a verdadeira função social da literatura e da arte em seus vários leques.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Juliana Ortegosa. Razão e desejo: uma comunicação persuasiva em Aristóteles. In: Anais de Filosofia Clássica, vol. 9, nº 18, 2015. ISSN 1982-5323. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/4838/3797>

Aristóteles. Poética. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 7ª edição. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003, p. 103.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

BARBERO, Jesús Martín. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de. (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. São Paulo: Record, 2003.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, T. (Org.). Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia. A socialização da arte: teoria e prática na América Latina. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1984.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GAZONI, Fernando Maciel. A poética de Aristóteles: tradução e comentários. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8. 2006.tde08012008-101252.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

Huisman, Denis. A Estética. Lisboa: Edições 70, 2012.

KOTHE, Flávio R. Platão – O Banquete, ensaio, in RES, Revista de Estética e Semiótica, revista eletrônica do Núcleo de Estética e Semiótica - NES, Programa de Pesquisa e Pós- Graduação - PPG, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, Universidade de Brasília, Instituto Central de Ciências – Campus ICC Norte, Brasília, vol. I, nº 1, 2011, p. 1-20.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

Platão. A República. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d. p. 256.